

A Turquia e a Segurança Euro-Atlântica em 2030: Cenários para uma Nova “Questão do Oriente”

Jorge Rodrigues

Investigador associado do IDN e Mestre em Relações Internacionais.

José Pedro Teixeira Fernandes

Doutorado em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade do Minho, Professor Coordenador do IS CET, Investigador do IPRI-Universidade Nova de Lisboa e Investigador Associado do Instituto da Defesa Nacional.

Resumo

A Turquia, pela sua localização geográfica encostada ao Sudeste europeu e na intersecção com o Médio Oriente e o flanco sul da Rússia, tem uma inerente mais-valia estratégica. Há cerca de duas décadas parecia bem ancorada na NATO e em vias de se integrar na União Europeia, o que era geralmente entendido no Ocidente como um desenvolvimento estratégico favorável. Todavia, essa imagem benévola da Turquia foi-se dissipando gradualmente ao longo do tempo. Nos últimos anos, criou-se um crescente mal-estar no relacionamento com os tradicionais aliados euro-atlânticos. Este acentuou-se após a tentativa de golpe de Estado de 2016 e a viragem da Turquia para o autoritarismo. Assim, o principal objetivo deste trabalho de investigação foi tentar antecipar possíveis desenvol-

vimentos futuros da relação da Turquia com os seus aliados euro-atlânticos – a União Europeia e os EUA – num horizonte temporal até 2030. Para o efeito, recorreu-se a uma análise prospetiva e a um método de elaboração de cenários, onde se apontam diferentes caminhos possíveis. Estes permitirão, também, antecipar tendências e preparar estratégias que possam reforçar, ou pelo menos, minimizar os problemas, da evolução futura da segurança euro-atlântica ligada à Turquia.

Palavras-chave: Turquia; Erdoğan; Segurança; Prospetiva; NATO; União Europeia.

Abstract

Turkey and Euro-Atlantic Security in 2030: Scenarios for a New “Question of the East”

Turkey, by virtue of its geographical location in Southeastern Europe and at the intersection with the Middle East and Russia, has an inherent strategic value. Two decades ago, Turkey seemed well ensconced in NATO and on track for integration into the European Union, what was generally perceived in the West as a favourable strategic development. However, this benevolent image of Turkey has gradually dissipated over time. In recent years, a growing malaise developed with the traditional Euro-Atlantic allies. This has increased after the coup attempt of 2016 and Turkey’s turn towards authoritarianism. Thus, the main objec-

tive of this research is to anticipate possible future developments of Turkey’s relationship with its Euro-Atlantic allies – the European Union and the US – in a time horizon up to 2030. For this purpose, a prospective analysis and a scenario-building method were used, where different possible paths are pointed out. These will also allow anticipating trends and preparing strategies that may strengthen, or at least minimize problems, of the future evolution of Euro-Atlantic security linked to Turkey.

Keywords: Turkey, Erdoğan, Security, Foresight, NATO, European Union.

Artigo recebido: 05.09.2022

Aprovado: 27.10.2022

<https://doi.org/10.47906/ND2023.164.02>

Introdução

Nos últimos anos, a Turquia tem estado no centro das atenções de todos os que se interessam pelos problemas de segurança no espaço euro-atlântico, mas frequentemente pela negativa. Há cerca de duas décadas era geralmente vista como um membro confiável e de substancial valor estratégico para a NATO. Nessa altura, para muitos, a sua candidatura e possível adesão à União Europeia era também um desenvolvimento estratégico no melhor sentido. Todavia, essa imagem favorável da Turquia junto do Ocidente foi-se dissipando gradualmente ao longo do tempo.

A política externa neo-otomana, com o objetivo de ter “zero problemas com os vizinhos” – linha defendida pelo antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros da época, Ahmet Davutoğlu –, que impressionava favoravelmente no exterior, ruiu após as revoltas da Primavera Árabe de 2011. A participação turca no conflito da Síria e a reabertura da questão curda projetaram tensões muito relevantes no sistema de segurança euro-atlântico. A clivagem com os aliados euro-atlânticos acentuou-se, mais ainda, após a falhada tentativa de golpe de Estado de 2016 e a crescente viragem da Turquia para o autoritarismo, ou, numa expressão mais suave, para uma democracia iliberal. Em termos estratégicos, Recep Tayyip Erdoğan, num *volte-face* relativamente à sua política anterior, aproximou-se da Rússia de Vladimir Putin, para intervir nas zonas fronteiriças curdas da Síria, o que agravou o mal-estar e tensões políticas com os seus aliados tradicionais.

Para além da Síria, surgiram atritos com outros aliados no Mediterrâneo oriental, em particular com a Grécia e a França. A descoberta de importantes reservas de gás natural nessa área criou novas linhas de tensão com Chipre (e a Grécia), envolvendo ainda outros intervenientes da região, como Israel, o Egipto e a Líbia. Como resultado de tudo isto, as interrogações sobre o valor real que a Turquia tem como aliado político-militar aumentaram substancialmente.

Tudo o anteriormente descrito é naturalmente motivo de apreensão para a segurança euro-atlântica. Em termos geopolíticos, há uma realidade incontornável. A Turquia, pela sua localização geográfica encostada ao Sudeste europeu e na intersecção com o Médio Oriente e o flanco Sul da Rússia, tem uma inerente mais-valia estratégica. Por isso, a questão não é menor, nem pode ser ignorada. Importa, assim, procurar antecipar o que poderá ser a futura relação entre a Turquia e os seus aliados euro-atlânticos – a União Europeia e os EUA – num horizonte temporal alargado, até 2030. Para o efeito, em termos de enquadramento nas grandes correntes das Relações Internacionais, a análise vai estar essencialmente próxima da visão do mundo neorrealista, usando sobretudo as suas lentes teórico-conceptuais.

Como se trata aqui de tentar antecipar possíveis desenvolvimentos futuros num horizonte temporal até 2030, a metodologia adequada – que será explicada no

primeiro ponto deste trabalho – é a da elaboração de cenários, na sequência do desenvolvimento dum processo de prospetiva. Assim, a análise que a seguir se apresenta começa por fazer uma breve revisão de literatura e de explicitar o modelo teórico usado. Em seguida será desenvolvido o processo de prospetiva, passando resumidamente pelos diversos passos, de forma a delinear cenários futuros. Terminaremos desenvolvendo as diferentes narrativas e analisando as *wildcards* consideradas na cenarização. Será um trabalho necessariamente conciso e simplificado dos momentos de um processo de prospetiva, usualmente muito detalhado, o que resultaria numa dimensão impossível de verter nestas páginas. Não sendo determinantes para o conteúdo do presente artigo, há passos do referido processo de prospetiva efetuados noutros momentos desta investigação¹. Contribuíram, maioritariamente, para a concretização das primeiras etapas do processo, após a definição do Foco e do Horizonte Temporal. Vamos, por isso, como já notado, ser mais sumários nessa fase, sem, contudo, deixar de explanar aqui o que de essencial se identificou.

É necessário notar que o processo de prospetiva implica identificar vários mundos futuros possíveis. Naturalmente que daqui decorre um risco: a realidade poderá ser muito diferente do que qualquer um dos cenários traçados antecipava. O problema intensifica-se quando o horizonte temporal é mais afastado, pois a probabilidade de ocorrerem acontecimentos totalmente imprevistos ou de ligações “impensáveis” entre acontecimentos previstos aumenta, provocando resultados muito diferentes dos levantados. Nenhum cenário – independentemente do método usado e do seu rigor metodológico – pode assim reclamar rigor científico com exatidão². Para além disso, a qualidade do resultado final não depende tanto do recurso a uma metodologia formal rigorosa, quantitativa e/ou qualitativa, mas da intuição, perspicácia e capacidade analítica de quem investiga. Crucial é a identificação das tendências relevantes e interligá-las, usando a imaginação e a intuição, para ir além das imagens convencionais sobre o futuro.

Apesar do inquestionável óbice apontado, o processo de prospetiva é um exercício particularmente importante, não só do ponto de vista académico-científico como também prático. Permite evidenciar e refletir sobre muitas das suposições implícitas sobre o futuro, bem como sobre as expectativas subjacentes. Assim é um exercício vantajoso, quer do ponto de vista teórico e analítico, quer em termos de contribuição para um melhor fundamento das decisões políticas e das opções estratégicas práticas.

Cabe ainda aqui efetuar uma breve nota sobre a designação nova “Questão do Oriente”. O título baseia-se na exploração de uma analogia histórica. Um problema

1 FERNANDES, Teixeira & RODRIGUES, Domingos, *op.cit.*, pág. 99 a 118.

2 SIMÓN, Luis & SPECK, Ulrich (eds.), *Europe in 2030: four alternative futures*.

estratégico clássico da Europa do século XVIII até à I Guerra Mundial foi a decadência do Império Otomano/Turquia, metaforicamente qualificado, desde meados do século XIX, como o “homem doente da Europa”³. No mundo de inícios do século XXI, o longo ciclo histórico parece ser mais favorável ao ressurgimento da Turquia. Assim, a nova “Questão do Oriente” não decorre dos problemas estratégicos de um império territorialmente em retrocesso, mas dos problemas levantados por uma ambiciosa Turquia em ascensão económica, demográfica e militar, que procura projetar a sua influência numa área geopolítica que já foi sua.

1. O modelo teórico usado: o Processo de Prospetiva

Na área das Relações Internacionais o recurso à elaboração de cenários tem já um historial longo, mas com especificidades que importa aqui assinalar. Num sentido muito embrionário, a prospetiva nasceu na década de 1930, em França. Visava nessa altura antecipar, ainda que de forma algo rudimentar, a evolução da sociedade.

A metodologia específica, no entanto, não surgiu no âmbito de trabalhos de investigação científica feitos em instituições universitárias ou nas suas ramificações diretas, passando depois para o mundo prático das organizações, como é usual ocorrer. Também não emergiu no âmbito do universo mais prático dos departamentos de planeamento económico e/ou militar dos Estados, embora existam aí alguns antecedentes a considerar. Na sua conceção, o papel maior coube à Rand Corporation⁴ – uma conhecida e prestigiada organização de pesquisa e investigação na área das políticas públicas sediada na Califórnia, EUA – com diversos trabalhos e estudos influentes na área da segurança e defesa. Como referem Iver B. Neumann e Erik Øverland, “o nome RAND era simplesmente um acrónimo para Pesquisa e Desenvolvimento e, especialmente durante os primeiros anos, a RAND estava preocupada em representar e legitimar as suas atividades como pesquisa genuína. A RAND e as suas ramificações – como o Hudson Institute⁵ e o Institute for the Future – operaram no limite dos círculos de defesa e desenvolveram os métodos originais de planeamento militar ‘análise de operações’ e ‘análise de sistemas’ para uso geral.”⁶ Quer dizer, nesse contexto inicial, foram sobretudo os problemas polí-

3 A expressão foi cunhada pelo Czar Nicolau I da Rússia

4 A RAND Corporation foi fundada em 1946 por iniciativa do General H. H. Arnold com financiamento da Douglas Aircraft Company e mais tarde da Fundação Ford.

5 KAHN, Herman & WIENER, Anthony J., “The Use of Scenarios”.

6 NEUMANN, Iver B. & ØVERLAND, Erik, *IR and Policy Planning: The Method of Perspectivist Scenario Building*, pp. 258-277.

tico-estratégico-militares levantados pela Guerra-Fria aos EUA e aos seus aliados⁷ o grande estímulo intelectual para a conceção e uso da metodologia de cenários. Um segundo impulso, agora âmbito dos esforços de previsão e de planeamento de grandes empresas multinacionais, surgiu em meados dos anos 1960 em particular no âmbito da Royal Dutch Shell. Foi de alguma forma influenciado também pelos já referidos trabalhos pioneiros efetuados no âmbito da RAND. Em contexto empresarial, o recurso à elaboração de cenários surgiu da insatisfação existente, particularmente nas grandes empresas multinacionais, com os modelos usuais de previsão, os quais assentavam em extrapolações lineares de tendências anteriores. Assim, a capacidade de preparação para descontinuidades é largamente limitada pelos quadros mentais existentes, sendo ainda mais limitada por um pensamento de grupo similar que se (auto)valida demasiado facilmente. Um caso clássico deste problema é o do choque petrolífero de 1973, na sequência da guerra israelo-árabe desse ano (usualmente conhecida com a Guerra do Yom Kippur). Teve um enorme impacto económico e político em todo o mundo desenvolvido da época, largamente dependente do abastecimento de petróleo do Médio Oriente. Todavia, embora a maioria do mundo fosse largamente apanhado de surpresa, no seu planeamento de cenários, a petrolífera Royal Dutch Shell já considerava a possibilidade de ocorrerem choques petrolíferos nos mercados mundiais provocados pelos países árabes⁸, o que lhe deu uma clara vantagem e permitiu uma estratégia de adaptação prévia. Hoje a metodologia de cenários está bastante difundida, sendo usada em vários contextos. Um breve olhar sobre a literatura relativa à construção de cenários⁹ e à discussão sobre a sua utilidade, quer em termos práticos, quer na investigação teórica, mostra a existência de um *corpus* já bastante rico. Como explica Angela Wilkinson¹⁰ as metodologias para a elaboração de cenários podem ser classificadas (agrupadas) segundo várias tipologias. Angela Wilkinson identificou vários tipos¹¹ de cenários que são obtidos por meio de métodos diferentes, cabendo aqui fazer uma breve referência a alguns métodos. O *horizon scanning* (exploração de horizontes) está orientado para a elaboração de múltiplos cenários possíveis. O *visioning* e *backcasting* (visão e caminho para a atingir) produz cenários preferíveis, ou seja, começa com a definição de um futuro desejável e, em seguida, reverte o caminho, ou seja, identifica políticas e programas que irão levar a esse futuro pretendido. Quanto ao *scenario planning* (planeamento de cenários), está orientado para a pro-

7 Rand Corporation, *Futures Methodologies: Scenarios*.

8 Shell, *40 Years of Shell Scenarios*.

9 Entre outros, BARMA, Naazneen H., D,URBIN Brent, L,ORBER Eric & WHITLARK, R. E., *op.cit.* pp. 117–135. SUS, Monika & HADEED, Marcel, *op.cit.*, pp. 432-455.

10 WILKINSON, Angela, *Strategic Foresight Prime*.

11 Em língua inglesa, esses métodos de elaboração de cenários são os seguintes: *Horizon scanning*, *Megatrends analysis*, *Visioning (and backcasting)*, *Scenario planning*, *Policy gaming*, *Design futures*.

dução de cenários plausíveis, os quais são bastante adequados como instrumento analítico para a escolha de políticas e de estratégias internacionais. Ao contrário dos cenários preferíveis, não há considerações normativas sobre determinados fins desejados. Também não se pretende abranger sistematicamente todos os desenvolvimentos possíveis, reduzindo assim o seu grau de complexidade e aumentando a facilidade do seu uso.

Face aos objetivos desta investigação, o método de planeamento de cenários – que é um método amplamente aceite e com uso em vários contextos –, surge com o mais adequado. É um método exploratório pela sua própria natureza, o que se adequa também a tentar encontrar tendências subvalorizadas, propondo desenvolvimentos plausíveis. Como já referido, tem um carácter não normativo, ou seja, de produzir cenários plausíveis (sejam desejados ou não), pelo que se adequa também a uma abordagem próxima da visão neorrealista aqui adotada. Assim, no caso concreto do objeto de estudo, irão procurar detetar-se tendências de médio e de longo prazo em vários domínios diferentes com potenciais reflexos significativos no rumo da relação entre a Turquia e os seus aliados euro-atlânticos.

O processo de prospetiva, que aqui se pretende desenvolver e para o qual a construção de cenários se revela essencial, concentra-se nas incertezas, considerando os riscos e roturas, e fazendo uma abordagem global. Podemos afirmar, como o faz Fabienne Goux-Baudiment, que “A prospetiva é uma disciplina das Ciências Sociais que se apoia sobre os fundamentos da Economia, da Sociologia e da Ciência Política para compreender as dinâmicas (tendências, evoluções) e as mudanças que daí decorrem (impactos estruturais)”.¹² Conforme refere Pierre Wack, a prospetiva apresenta diferentes mundos e não apenas diferentes resultados do mesmo mundo.¹³ Das suas vias, a estratégica (que antecipa a evolução das organizações e permite testar estratégias) e a exploratória (elucidar futuros possíveis dum sistema e do seu enquadramento, aplicando-se com frequência à análise de questões macro), vamos optar por esta última.

2. Do Foco ao Macro-Enquadramento

Conforme anteriormente referido, o processo de prospetiva envolve várias fases. Contudo, e com vista a deixar clara a sequência do processo utilizado até à construção de cenários, vamos resumir algumas delas. Importa começar por notar que o foco deste trabalho está já evidenciado no título – “A Turquia e a Segurança Euro-Atlântica” – respondendo ao “o quê”. Para além disso, é essencial enquadrar tem-

12 GOUX-BAUDIMENT, Fabienne – *op.cit.*, p.13

13 WACK, P., *Scenarios: Shooting The Rapids*.

poralmente a “questão-central” –, ou seja, o “quando”. Assim é definido o horizonte temporal, neste caso identificado para “2030”. Após este passo prévio, podemos passar à análise do ambiente contextual e do macro-enquadramento, que nos dão os atores, os mais próximos e os afastados, mas que influenciam o que pode vir a passar com o foco levantado.

Começamos com um pequeno apontamento histórico com relevância na atualidade e para este estudo. O Império Otomano, que chegou “às portas de Viena”¹⁴ nos séculos XVI e XVII, deixou várias ligações étnico-culturais-religiosas com a atual Turquia. Independentemente da evolução que se seguiu (e do fim deste), muitas foram as comunidades que permaneceram ligadas à Turquia moderna e que têm sido estrategicamente valorizadas ao longo dos séculos. Essas ligações são relevantes para o atual *soft power* da Turquia, projetando a sua influência no mundo exterior por múltiplos grupos étnico-culturais próximos e também em vários países turcófonos na Ásia central. Entre outros aspetos, tem expressão no terreno do audiovisual. Fala-se aí numa espécie de *Soap Opera Politics*, dada a prioridade à produção e exportação de filmes e séries televisivas com mensagens cuidadosamente estudadas para reforçar essas ligações histórico-culturais, com finalidades também políticas. Nos últimos anos, por exemplo, emergiu uma imagem nostálgica do período otomano, em linha com a estratégia política atual da Turquia.

Mas esse passado também lembra o massacre dos arménios otomanos de 1915-1917, qualificado como um genocídio por vários Estados. Como frequentemente ocorre com estas questões – e para além da verdade histórica –, adquirem, também, a dimensão de uma arma política (o que é visível, por exemplo, nas relações frequentemente conturbadas da França com a Turquia). Neste contexto, cabe lembrar que um dos primeiros atos oficiais do presidente Joe Biden nos EUA foi o reconhecimento dos massacres de 1915-1917 como um genocídio¹⁵ (o que naturalmente tem uma dimensão política, marcando uma rotura com a proximidade cultivada pelo anterior presidente, Donald Trump, com a Turquia de Recep Tayyip Erdoğan).

Mas a Turquia também transporta algumas preocupações desse período, em que, como já vimos, era identificada como “homem doente da Europa” pelas potências europeias que impuseram o fim e a partilha do Império Otomano – daí o “complexo de Sèvres” ou “fobia de Sèvres”¹⁶ –, por referência ao Tratado de Sèvres de

14 Mais precisamente em 1529 e 1683, falhando, em ambos os casos, a tentativa de conquistar Viena, uma das importantes cidades da Europa e capital da Monarquia dos Habsburgos, do ramo austríaco.

15 BIDEN, Joe, *Statement by President Joe Biden on Armenian Remembrance Day*.

16 Assinado em França, a 10 de agosto de 1920, o Tratado de Sèvres consistiu num acordo de paz entre os Aliados e o Império Otomano, no final da Primeira Guerra Mundial. Aproveitando a fragilidade otomana, as potências europeias dividiram o território do Império, criando zonas

1920 (nunca ratificado). Aliás, a partição territorial resultante deste tratado nunca saiu dos discursos oficiais turcos, demonstrando um medo e ressentimento nunca apagados. Mesmo o Tratado de Lausanne¹⁷, que se lhe seguiu e que foi “imposto” pelas vitórias militares de Atatürk, apesar de assegurar a Anatólia, teve que ceder territórios árabes (Palestina e Mesopotâmia) e do Cáucaso, perdendo comunidades etnicamente turcas. Tal motivou a definição duma política externa (e lógicas internas) muito próprias. Com Mustafa Kemal Atatürk, a República da Turquia, que sucedeu ao Império Otomano em 1923, seguiu uma via de modernização e ocidentalização e uma política externa segundo o lema, “paz em casa, paz no mundo”¹⁸. Se esse é o legado de Atatürk, a Turquia atual tem uma atitude que, em parte é de continuidade, mas em parte é também de significativa transformação. Com os governos do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP) de Recep Tayyip Erdoğan, o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros, Ahmet Davutoğlu¹⁹, configurou uma nova ambição (neo)otomana numa política externa de “profundidade estratégica” para alcançar (ou expandir) o estatuto de potência regional. A pragmática doutrina de “zero problemas com os vizinhos”, procurava valorizar o referido *soft power*, renascendo, assim, uma ambição neo-otomana. Mais recentemente, Recep Tayyip Erdoğan deu-lhe uma nova dimensão de intervencionismo militar, direto ou indireto (Síria, Líbia, Nagorno-Karabakh) fazendo uso da sua importante indústria de defesa. Sendo um ator incontornável, embora nem sempre com o êxito que ambicionava, a Turquia assumiu uma postura de “autonomia estratégica”, essencial na análise deste tema.

Essa política externa, não pode, no entanto, ser bem compreendida, sem um olhar também para as lógicas políticas internas da Turquia. Nos últimos tempos, a taxa de aprovação da opinião pública turca sobre Erdoğan caiu para os seus valores mais baixos de sempre, afetada por processos de corrupção, quebra económica grave e uma extraordinária inflação que quase atingiu os 80%²⁰. É um aspeto particularmente relevante, dado que, em maio de 2023, ocorrerão as eleições presiden-

de influência francesa, inglesa, italiana e grega, para além de promover a criação do Estado curdo e a cedência de amplos territórios à Arménia. A região dos Estreitos ficaria como zona neutra e desmilitarizada. Neste contexto, o Império ficava reduzido a parte da Anatólia. Os Aliados manteriam um controlo sobre as finanças e as forças armadas otomanas. Este Tratado nunca foi ratificado e criou forte repulsa interna, alimentando a Guerra da Independência, liderada por Kemal Atatürk.

17 Assinado na Suíça, a 24 de julho de 1923, o Tratado de Lausanne anula o Tratado de Sèvres e reconhece a República da Turquia como sucessora do Império Otomano. Territorialmente, no entanto, a Turquia limita-se às atuais fronteiras, na Trácia Oriental e na Anatólia, perdendo territórios turcofonos, árabes e na Europa (Balcãs e Chipre).

18 ATATÜRK, Mustafa Kemal – *op.cit.*

19 DAVUTOĞLU, Ahmed, *Strategic Depth: Turkey's International Position.*

20 THE ECONOMIST, *Inflation Nation*, p.18.

ciais. Recep Tayyip Erdoğan provavelmente tudo fará para manter o cargo, condicionando a política externa e as relações comerciais a esse desígnio.

A interligação da política interna com a política externa acaba por ser igualmente evidente na relação da Turquia com os seus vizinhos, estando envolvida em múltiplos conflitos – desde logo nos já referidos casos da Síria, Líbia e Nagorno-Karabakh, na disputa entre a Arménia e o Azerbaijão. Paralelamente, e de forma menos direta, a Turquia prossegue uma política ambígua em relação a Israel (com o qual mantém alguma cooperação) e aos diversos países árabes. Quanto a Erdoğan, preocupado com questões geoeconómicas, e necessitando, urgentemente, de capital e investimento estrangeiro, (re)aproximou-se dos Emirados Árabes Unidos e da Arábia Saudita.

Relativamente ao objetivo do governo da Turquia se poder transformar numa espécie de “armazém do mundo” e de “hub energético” – pelo menos para os países da sua área envolvente –, leva uma política externa ambivalente, de forma a manter contactos com grandes potências concorrentes, consoante as conveniências. Isso verifica-se, desde logo, com os Estados Unidos da América (EUA) e a China, com quem a Turquia procura manter boas relações ao mesmo tempo.

Todavia, vista do Ocidente, essa política da Turquia é problemática e origina alguns pontos de tensão – é vista como um aliado incerto e pouco fiável. Um exemplo foi a compra dos mísseis S400 russos de defesa antiaérea, levando à consequente exclusão, pelos EUA, do processo de desenvolvimento e compra dos aviões F35 de última geração. Para além disso, outros pontos de tensão bem conhecidos são as relações com Chipre, a Grécia e a França, mas também com a União Europeia e a NATO. Com esta última organização, salienta-se a oposição movida à adesão da Finlândia e da Suécia, especialmente desta última, fazendo uso da oportunidade para ganhos sobretudo na política interna, em especial ligados à questão curda. Mais recentemente, é a sua ambiguidade diplomática face à guerra na Ucrânia que desconcerta os aliados.

Um caso importante são, assim, as relações da Turquia com a Rússia, marcadas por vários episódios de proximidade, mas também de alguma rivalidade, antes e depois da invasão da Ucrânia. Para a Turquia, parece ser uma forma de balancear o seu relacionamento com o Ocidente e obter vantagens em certos assuntos específicos. Se, por um lado, há um bom relacionamento económico e energético entre ambas, por outro são adversárias em alguns teatros de operações. Todavia, o risco de conflito direto acaba por ser gerido com grande precaução, como mostram os casos particulares da Líbia, do Nagorno-Karabakh e, a espaços, mas com maior risco, a própria Síria²¹. Esse relacionamento com o inimigo histórico, embora apoiado numa boa ligação pessoal entre os presidentes Putin e Erdoğan, assume padrões que

21 CENTER FOR SECURITY STUDIES, Russian Analytical Digest, 70.

podem ser qualificados como de “rivalidade cooperativa”²². Esse jogo de equilíbrio está bem patente no recente conflito da Ucrânia. A tentativa de se manter equidistante entre as partes e desenvolver uma “neutralidade ativa”²³ – jogando nos vários campos – acaba por ser um exercício de equilíbrio extremamente difícil e potencialmente perigoso para a Turquia.

A condenação da invasão, incluindo na votação nas Nações Unidas, a continuação de venda de equipamento militar essencial para a resistência ucraniana (em particular, os *drones* Bayraktar TB2) e, de acordo com a Convenção de Montreux²⁴ o encerramento dos Estreitos à Marinha russa²⁵, embora com exceções, foram passos importantes, mas não decisivos, onde esteve próxima do lado ocidental. Por outro lado, não aderiu às sanções internacionais (largamente ocidentais), continuando a permitir o turismo e o livre movimento de cidadãos russos (só recentemente limitados na utilização do rublo e dos cartões do sistema Mir). Facilitou, também, a instalação de múltiplos oligarcas vindos de outros países ocidentais e permite o sobrevoo do seu espaço aéreo dos estreitos. Esta “neutralidade ativa”, maximizada pelos esforços de mediação para assegurar a segurança das exportações de cereais ucranianos, para um cessar-fogo, para a troca de prisioneiros ou a negociação política mais geral para pôr fim à guerra, é justificada pela necessidade de manter pontes entre as partes. Dada a sua posição geopolítica de grande valor estratégico, a Turquia vê neste conflito uma oportunidade de recuperar a importância como ator maior do sistema político internacional, ou, pelo menos, de se afirmar com uma potência regional imprescindível para o Ocidente (mas não dependente deste).

3. Das tendências às incertezas

Avançando no processo de cenarização, será essencial, nesta fase, extrair os eventos consolidados e considerados principais, com permanência efetiva no período de análise, aos quais chamamos tendências. Apesar dos múltiplos e diversos acontecimentos recentes, aos quais já fizemos alguma referência, as tendências²⁶ levantadas reduzem-se fundamentalmente a três:

(i) O desenvolvimento de relações de competição entre diversos atores (grandes potências) com repercussões diretas no relacionamento de poder. A primeira, e

22 TASHJIAN, Yeghia, *Frenemies: Russia and Turkey's 'cooperative rivalry'*.

23 EISSENSTAT, Howard – *Neither East nor West: Turkey's calculations in the Ukraine crisis*.

24 1936 Convention regarding the Regime of the Straits, Montreux, Switzerland, pp.19.

25 DALY, John C. K., *Referee and Goalkeeper of the Turkish Straits: The Relevance and Strategic Implications of the Montreux Convention for Conflict in the Black Sea*.

26 As tendências enunciadas foram baseadas em dados recolhidos em estudos da EIU, do Fórum Económico Mundial e do National Intelligence Council

mais relevante, será a competição entre a China e os EUA pela hegemonia mundial. A esta competição aditaremos competições de menor escala, mas diretamente ligadas e este jogo do poder. É relevante a participação do Japão, da Coreia do Sul e de Taiwan, ao lado dos EUA, face ao poderio crescente chinês. Mas igualmente devemos considerar o alinhamento da China com o Paquistão face à rival Índia. A esta competição no centro da reorganização das relações de poder à escala global, deveremos juntar o esforço de potências revisionistas, em particular a Rússia, que procura recuperar influência que, entretanto, vem perdendo – não esquecendo que estamos a falar da maior potência militar-nuclear.

(ii) Por outro lado, são evidentes as tensões e confrontos no interior do espaço do Islão, maioritariamente assentes em fatores político-religiosos, inimizades históricas, posicionamento perante o islamismo político e questões territoriais e/ou étnicas por resolver. Assume relevância, neste último ponto, a questão curda, pela ambição de criação de um Estado nacional curdo, o que provocaria instabilidade, direta e indireta, na Turquia, Síria, Iraque e Irão. A relevância deste fator ainda recentemente ficou demonstrada com a oposição direta do governo da Turquia à adesão da Finlândia e da Suécia à NATO pelo apoio ao nacionalismo curdo²⁷.

(iii) Por fim, e numa componente que também mereceu uma forte atenção recente, sem deixar o seu padrão de longo prazo, o desenvolvimento do choque ambiental com consequências energéticas. Referimo-nos à exigência duma progressiva descarbonização energética, devido a uma urgente necessidade ambiental, mas que contém uma forte ameaça às bases económicas dos países produtores de petróleo e gás natural, nomeadamente dos que estão localizados no Médio Oriente, na Ásia Central, na Europa de Leste e no Cáucaso – todos com uma fortíssima dependência das vendas de petróleo e gás natural ao exterior. Tal facto, poderá desenvolver instabilidade só por si, em especial naqueles que não se adaptam ao novo modelo, perdendo a sua relevância energética e, por consequência, económica (e política).

Foram ainda identificados, embora sem uma referência tão sólida como a das tendências anteriormente referidas, outros sinais emergentes que poderão vir a ter influência no período em análise. Por um lado, temos o esforço de autonomia estratégica da União Europeia, agora renovado através da Bússola Estratégica. Todavia, será sempre difícil de ver pragmaticamente uma convergência de 27 Estados que assegure real poder geopolítico com projeção nos campos geoeconómico e de segurança e defesa.

27 Esta referência prende-se maioritariamente com o apoio do governo sueco a reuniões do YPG (Unidades de Defesa do Povo), a residência duma forte comunidade curda, entre os quais alguns designados terroristas por Ancara, e de apoiantes do movimento de Gülen.

Por outro lado, encontramos as tentativas de organização de espaços de influência militar e geopolítica por parte de Estados do Médio Oriente. Apesar de avanços e recuos, sempre muito influenciados por atores externos à região, o Irão, a Turquia – esta última, numa parceria com o Qatar – e os Emirados Árabes Unidos parecem procurar uma convergência regional que os prepare para o ambiente global. Isto, quando, a prazo, com a transformação de modelo energético, o petróleo e o gás natural levarão a perdas de receitas e de riqueza dos Estados do Golfo Pérsico.

Assim sendo, e com base no que já foi identificado, chegamos aos elementos pré-determinados, que estarão presentes em todos os cenários.

Em primeiro lugar, é relevante a expansão da China, aumentando a sua influência na Eurásia. Tal capacidade advém de intervenção territorial, em áreas limítrofes ao seu próprio território, mas igualmente em áreas geopolíticas e económicas, através da Organização de Cooperação de Xangai e da Iniciativa *Belt and Road*. Esta última aumenta a sua “pressão” sobre uma interessada Turquia, que identifica nesse projeto uma forma de se tornar um “armazém do mundo”.

Por outro lado, e num quadro estratégico mais abrangente, verificamos um reposicionamento dos Estados-Unidos na Ásia, promovendo um novo quadro de alianças e parcerias. Tal alteração visa objetivos de maior eficácia, procurando manter influência decisiva no Indo-Pacífico.

Paralelamente, e ainda dentro dessa grande estratégia global, em que procuram uma melhor gestão de meios, os EUA retiram-se militarmente de parte do Grande Médio Oriente, mas mantêm presença militar e geopolítica na região do Índico e do Golfo Pérsico.

Por fim, identifica-se a continuação de turbulência e conflitualidade militar no grande Médio Oriente, gerando vagas de emigração, orientadas em grande parte para a Europa.

Num período tão volátil, surgem inúmeras incógnitas, que, de forma direta ou indireta, afetam o tema em análise. Dum esforço de concisão, resultam um conjunto de incertezas relevantes e com determinante influência no futuro da Turquia. Dessas variáveis com origens diversas, económicas, financeiras, industriais, sociais, políticas, etc., vamos mencionar três que resultam maiores e com determinância superior – o resultado das eleições presidenciais turcas de 2023, a disputa geopolítica na região do Mediterrâneo Oriental e a influência russa na sequência do pós-conflito na Ucrânia.

A eventualidade de perda das próximas eleições em 2023, que determinaria o abandono da presidência turca por Erdoğan, acusando, assim, o desgaste político de décadas no poder, poderá conduzir a uma estratégia prévia de saída política para esse desaire. Todavia, é ainda possível que Erdoğan consiga manter o poder presidencial, embora com uma margem estreita e uma Turquia mais polarizada. A sua saída deixaria um AKP fragilizado, sem sucessor identificado e com vários oponentes.

tes políticos fortes – como alguns elementos que se afastaram ao longo dos anos, sendo Davutoğlu talvez o mais relevante. Não sendo a Incerteza mais evidente no plano académico, tudo indica que, a ocorrer, terá um provável impacto significativo na orientação da política externa turca. A instabilidade poderá também emergir na Turquia, com consequências difíceis de prever.

No entanto, consideramos que tendo em conta as possíveis alternativas a Erdoğan para as presidenciais de 2023, haverá necessidade dos seus rivais políticos assegurarem acordos prévios. A ser assim, daí resultará uma dificuldade de desenvolver uma política externa substancialmente diferente nos anos mais próximos – daí não ser qualificada como uma Incerteza Crucial. Mesmo antecipando uma eventual futura mudança política no caso de Erdoğan ser derrotado, o seu sucessor terá dificuldade em prosseguir uma política externa unidirecional. Ou seja, por motivos diferentes, manter-se-á, provavelmente, uma ambivalência estratégica similar e provável atuação casuística. Mas, reiteramos, não se pode descartar nesta altura a hipótese de Erdoğan conseguir um novo mandato.

Por outro lado, as pretensões turcas no Mediterrâneo Oriental, renovadas em especial no campo energético, poderão trazer um acréscimo de complexidade geopolítica com elevadas repercussões²⁸. As reservas de gás natural descobertas na região já motivaram uma aproximação estratégica entre Israel, Chipre, Grécia e o Egito²⁹. A Turquia, com apoio da Rússia – interessada em manter o controlo do abastecimento de hidrocarbonetos à Europa –, demonstra intransigência face à delimitação das zonas económicas exclusivas (ZEE), em especial nas partes onde há perspectivas de exploração de jazidas de gás natural, reavivando, assim, a disputa territorial com a Grécia³⁰. Este fator de tensão, a evoluir, poderá ter um forte impacto na segurança europeia, exponenciado por outras questões ainda em aberto, como a questão dos refugiados ou da partição de Chipre. Para a Turquia, será sempre uma questão de soberania nacional, que preencherá as narrativas oficiais e poderá promover o afastamento da Turquia do sistema de segurança euro-atlântico.

A evolução do conflito na Ucrânia, por sua vez, assume contornos imprevisíveis que poderão determinar alterações substanciais no posicionamento futuro da Rússia. Um conflito longo irá definitivamente desgastar o poderio russo, nas suas variadas vertentes. Os embargos e sanções nunca ganharam guerras, mas a

28 Reservas de gás natural do Mediterrâneo Oriental ao largo das costas de Israel/Palestina, Egito, Líbano, Síria, Chipre e Turquia. A zona principal em exploração está entre Israel e Chipre.

29 AYDINTAŞBAŞ, Aslı, BARNES-DACEY, Julien, BIANCO, Cinzia, LOVATT, Hugh & MEGE-RISI, Tarek (2020), *Deep Sea rivals: Europe, Turkey and New Eastern Mediterranean conflict lines*.

30 A Turquia contesta a pretensão da Grécia em projetar uma zona económica a partir das suas ilhas, como estabelece a lei marítima internacional, e exige que a partilha das ZEE também considere a longitude das zonas costeiras continentais.

verdade é que a longo prazo exponenciam as limitações e vulnerabilidades dos visados.

No plano económico-financeiro, a grande dependência da Rússia das receitas dos hidrocarbonetos – petróleo e gás natural – coloca-a numa posição de fraqueza negocial, visto ter perdido parte dos mercados mais fortes e sendo obrigada a negociar a preços mais baixos com novos (ou mais fracos) parceiros. Com as importações limitadas e com o fraco resultado da “substituição de importações”, haverá lugar a falhas de material tecnologicamente essencial para manter os níveis do sistema produtivo, agravado pela retirada de 40% do investimento estrangeiro, muito dele em áreas de inovação tecnológica. Por outro lado, a dificuldade de acesso aos mercados financeiros internacionais, tende a colocar as reservas de capitais da Rússia no limite, impedindo-a de revitalizar a depauperada economia.³¹

Bastante desgastadas no seu poderio convencional, as Forças Armadas russas sairão deste conflito mais limitadas e, provavelmente, sem capacidade para uma intervenção de média dimensão a curto prazo. As suas reformas terão tido resultados escassos, talvez sobretudo devido à corrupção sistémica interna, mostrando, seja qual for a explicação, uma (relativa) fraqueza que surpreendeu os ocidentais, mas também a própria Rússia (embora esta não o admita, claro). Com tropas pouco preparadas, com material obsoleto e sem “vontade de combater”, o Estado-Maior russo foi obrigado a utilizar algumas unidades de elite, como a força paramilitar Wagner³².

Apesar dos fracos resultados obtidos na invasão da Ucrânia (pelo menos quando aferidos pelo objetivo inicial de controlar o país no seu todo), no plano geopolítico a Rússia de Vladimir Putin procurará assegurar algum tipo de vitória. A situação é delicada, pois a Ucrânia não está disposta a concessões territoriais, pretendendo expulsar completamente as forças russas, incluindo da Crimeia. Todavia, várias experiências passadas mostram os perigos de “encostar uma grande potência à parede”. Neste caso particular, trata-se de uma potência nuclear com os riscos maximizados que tal representa. Assim, existirá a necessidade de apresentar uma saída política à Rússia. Contudo, essa saída será naturalmente explorada como uma vitória, permitindo manter a orientação revisionista a longo prazo. Esse facto que, dentro da incerteza, pode ser visto quase como efetivo (ou seja, quase certo), levará a que os países vizinhos, como a Turquia, certamente o tenham em conta, independentemente do relacionamento próximo entre os atuais governantes e do papel turco na mediação do conflito entre a Rússia e a Ucrânia.

Mas subsistem, ainda, duas Incertezas Cruciais. Estas são variáveis-chave de forte impacto, interdependência e elevada dúvida, com as suas configurações possíveis: “Qual o futuro posicionamento geo-económico e geopolítico dos EUA no

31 SONNENFELD, Jeffrey A. – *Business Retreats and Sanctions Are Crippling the Russian Economy*.

32 SAUER, Pjotr, *Russia's private military contractor Wagner comes out of the shadows in Ukraine war*.

Médio Oriente e no Golfo Pérsico?” e “Quais as alianças externas que prosseguirá a Turquia”.

Estas incertezas condicionam diretamente os objetivos estratégicos de Ancara, como os de se transformar num incontornável “*hub* energético” e no “armazém do mundo”, que podem determinar a sua capacidade de se constituir como potência regional ou até mais do que isso. Tal contribui para uma análise mais orientada para estes fatores que, aliados ao desenvolvimento crescente da sua capacidade militar – e subjacentemente das Indústrias de Defesa –, alimentam o crescente intervencionismo turco.

A primeira incerteza resulta da alteração estratégica dos EUA, em que o primeiro sinal efetivo foi a apressada retirada do Afeganistão. Mostrando-se bastante pragmático, o atual Presidente Joe Biden procurou identificar os momentos e locais de concentração de esforço, não desperdiçando meios humanos e materiais necessários noutros pontos do globo. A esse fator acresce a emergência climática – acentuada pela opinião pública ocidental –, o que implica tentar antecipar a futura transição energética. O fator energético, que, à primeira vista, parece ser relativamente pouco relevante neste caso, tem um impacto extraordinário no plano global, em especial nos países que dependem das receitas de combustíveis fósseis, como já notado. Nessa sequência, extraímos duas configurações (evoluções) possíveis. Uma primeira aponta para que os EUA, apesar de apostarem na liderança da transição energética para energias renováveis, prolonguem, paradoxalmente, o ciclo dos combustíveis fósseis, em sintonia com economias industrializadas da Ásia, como o Japão. A segunda aponta para um alinhamento dos EUA com a União Europeia, numa progressiva e (relativamente) rápida marginalização do petróleo e do gás natural.

A segunda incerteza está ligada a um governo turco orientado para a autonomia estratégica, pelo nacionalismo e pelo Islão político, ambos característicos do AKP de Erdoğan, em especial para a forma como irá procurar alargar as suas alianças internacionais. Aqui a maior dúvida será saber quais serão essas alianças que lhe permitirão prosseguir a expansão da sua influência externa, dado ter uma base económica frágil como se vê atualmente. Desta incerteza identificam-se duas outras configurações. Por um lado, a Turquia poderá procurar um alinhamento com o projeto de expansão geoeconómico e geopolítico da China, maximizando as potencialidades turcas como ponte entre dois mundos³³. Por outro lado, a Turquia poderá constatar que aquilo que mais lhe convém é manter-se ligada ao sistema euro-atlântico e regressar a alianças com o Ocidente, quer à NATO – da qual nunca saiu, mas com a qual mantém uma relação complexa –, quer à União Europeia – passando a apostar de forma credível no processo de adesão.

33 RODRIGUES, Domingos – *op.cit.*, p. 214.

4. Cenários

Asseguramos, nesta fase, as ferramentas necessárias para desenvolver os cenários. Vamos evidenciar a coerência das configurações de cada incerteza crucial. Será traçada a evolução numa dada direção que é afetada, necessariamente, por uma multiplicidade de níveis que fomos definindo ao longo do trabalho. Deste esforço de materialização de prioridades – e cruzando os eixos correspondentes a dois níveis distintos de configurações –, haverá lugar a opções que determinam soluções diferentes para a estratégia da Turquia.

Assim, no **Cenário 1**, que designamos por **Inversão estratégica**, há uma liderança dos EUA na transição energética, em parceria com o Japão e outras economias industrializadas da Ásia (a qual poderá ser a base da produção de hidrogénio a partir do petróleo). Todavia, aspeto importante, sem exclusão rápida do petróleo e do gás natural. Isso assegurará que os países que economicamente dependem dos hidrocarbonetos permaneçam pacificados e próximos, mantendo o *statu quo* energético e, de alguma forma, geopolítico. É também desenvolvida uma intervenção pacificadora no Médio Oriente, especialmente nas relações entre a Arábia Saudita e o Irão, centros sunitas e xiitas rivais há vários séculos. Os EUA voltam, também, a um acordo sobre o programa nuclear iraniano, ou algum tipo de entendimento expresso ou tácito sobre este.

Neste cenário, a Turquia reorienta gradualmente a sua política externa, tentando tirar partido da alargada presença geoeconómica e geopolítica da China. A necessidade urgente de capitais, muito motivada pelo recente afastamento do Ocidente, conduziu a uma crescente aproximação entre os dois países. Lançado pelo Acordo de Cooperação Estratégica, assinado em Ancara em 2010, esse processo vem conhecendo sucessivos passos, com sólidos vetores que vão desde o investimento chinês na economia e nas infraestruturas, comércio (sendo atualmente umas das primeiras origens de importações turcas), saúde (em especial durante o período mais agressivo da pandemia COVID-19, em que forneceu milhões de vacinas CoronaVac), transportes – onde se realça o *Trans-Caspian International Transport Route (Iron Silk Road)*³⁴ – e a *Belt and Road Initiative*. A participação neste projeto estratégico chinês representa uma oportunidade. Por um lado, permite usufruir do investimento dum China muito orientada para o maior número de parceiros possível, e que, por conseguinte, está disponível para investir localmente. Por outro lado, constitui-se como parceiro para o investimento em África, no Médio Oriente e na Ásia Central, pólos de interesse prioritário. Todavia, a Turquia enfrenta igualmente a concorrência e a competição chinesas nesses países, nos projetos e interesses que não são comuns. Além disso, e conforme uma estratégia usual da China, esta procura criar

34 TITR, Middle Corridor, *Op.cit.*

uma crescente dependência económico-financeira que possa explorar politicamente (atualmente na ordem dos 20 mil milhões de dólares de *deficit*).

Este cenário poderá teoricamente permitir uma maior autonomia estratégica à Turquia, mas, de facto, trará também novas restrições, eventualmente menos controláveis e negociáveis. A Turquia, promovendo este cenário, encontrará soluções alternativas a curto prazo, mas irá pagar uma fatura estratégica elevada, conforme já se observou noutros países “parceiros” da China. Aliás, mesmo no plano “moral”, Erdoğan já teve de abdicar das suas habituais intervenções em defesa das comunidades etnicamente turcas e muçulmanas (ou seja, dos uigures da China).

Já no **Cenário 2 – *Back to business***, onde os EUA e o Japão são também chave na transição energética, embora com manutenção de uma importância relativa do petróleo e gás natural na pacificação no Médio Oriente, ocorre uma reaproximação da Turquia ao Ocidente. Nessa aproximação emerge também uma espécie de grande Médio Oriente – envolvendo, entre outros, o Qatar e os Emirados Árabes Unidos – com os quais a Turquia mantém relações de proximidade.

Neste cenário, a Turquia torna-se central e de importância relevada, podendo gerar uma dinâmica favorável às suas pretensões de se constituir como uma potência regional dominante. Pelo protagonismo que daí poderá resultar, conseguirá alcançar os seus objetivos sem procurar conflitos (pelo menos sem conflitos político-militares), o que permitirá a melhoria de relações político-económicas. Todavia, não abdicará de alguma autonomia estratégica, em especial para assegurar a manutenção da sua base de apoio interno e para manter alguns vetores considerados vitais.

Por outro lado, no **Cenário 3 – *Verde mas instável***, os EUA alinham no plano energético com a União Europeia numa progressiva e rápida marginalização do petróleo e do gás natural. Tal orientação, que poderá regressar ao primeiro plano no período pós-conflito na Ucrânia, é completamente disruptiva e provoca uma real convulsão nos países cuja economia depende dos hidrocarbonetos, afastando-os geopoliticamente e tornando-os instáveis.

Neste cenário, a Turquia reorienta a sua política externa para o alinhamento com o projeto de expansão geo-económica e geopolítica da China, em linha com o já referido anteriormente, mas maximizado pela instabilidade criada em áreas regionais onde mantém interesses prioritários. Assistiremos a alterações político-estratégicas de rotura, procurando tirar partido duma aproximação aos atores mais importantes do Médio Oriente, como a Arábia Saudita e Irão, com a instigação da China (e da Rússia), que procurará aumentar o número de países aliados na região, com vista a consolidar a sua orientação de superpotência global. Encontraremos aqui uma escalada global de conflitualidade, económica e política (e até talvez militar), que desenvolverá um ambiente de elevada instabilidade. A consequência maior deste cenário será o afastamento turco do sistema de segurança euro-atlântico e o assu-

mir do *Avrasyacilik*³⁵ – movimento traduzido por Euroasianismo³⁶, com base na doutrina de Alexander Dugin.

Por fim, no **Cenário 4 – Regresso ao futuro**, é mantido o vetor de alinhamento com os EUA e a União Europeia nas fontes energéticas, afastando a base dos combustíveis fósseis e, com isso, aumentando a instabilidade nos países produtores. Paralelamente, ocorrerá aqui um (re)alinhamento turco com o Ocidente, envolvendo, como já referimos, o Qatar e os EAU. É um cenário complexo que movimentaria tendências em sentidos opostos, com resultados relativamente pouco previsíveis.

Para a Turquia será uma oportunidade de ganho político-diplomático, orientando a sua posição para servir de ponte entre o Ocidente e estes países do Médio Oriente, mas partindo de uma posição de força e reconhecimento – algo que sempre procurou desde o final do século passado –, visto que passará a ser o maior interlocutor regional. Este cenário poderá ainda permitir uma maior aproximação da Turquia com os povos etnicamente turcos, dada a atratividade que assumirá. Contudo, há também riscos importantes a considerar para a Turquia se seguir essa via. No plano energético, implicará perder a possibilidade de se tornar um “hub energético”. No plano geopolítico, diversos atores regionais poderão vê-la como um Estado “traidor ao Islão” e um adversário.

5. Wildcards

Traçados os cenários, há fatores que poderão surgir, ainda de forma pouco provável nesta altura, mas afetando-os substancialmente. Consideramos dois imprevistos impactantes, os quais designamos por *Wildcards*: a emergência do Estado curdo independente e a transformação da Turquia num Estado nuclear, imitando o que o Irão está a fazer.

Vamos deixar algumas pistas sobre estes *game changers*.

Uma partição do Iraque, entre sunitas e xiitas – estes últimos apoiados pelo Irão – e a criação de um Estado curdo a Norte, criaria uma óbvia instabilidade regional. A desintegração do Iraque e as suas ramificações regionais, teria, necessariamente, um impacto extraordinário nos países vizinhos. Este seria ainda mais amplificado se os EUA apoiassem um Curdistão independente. É pouco plausível? Sim, mas, por exemplo, se nos lembrarmos que, enquanto vice-presidente dos

35 KURT, Selim, *Turkey's Position in Dugin's Eurasianism Understanding*, p. 458.

36 Euroasianismo/*Avrasyacilik* – Movimento intelectual que identifica a região Eurasiática como prioridade geopolítica. Se é internacionalmente mais conhecido pela doutrina de Alexander Dugin, na Turquia começou-se a falar com maior intensidade a partir de 2002, com o General Tuncer Kilinç.

EUA, Joe Biden defendeu a proximidade aos movimentos curdos na Síria e admitiu a hipótese de um Estado curdo,³⁷ podemos admitir alguma possibilidade, ainda que baixa, de isso ocorrer. Naturalmente que o objetivo de constituir um Curdistão seria particularmente impactante da integridade territorial e estabilidade securitária da Turquia.

E, por fim, a eventualidade duma Turquia com capacidade nuclear. Esta *wildcard*, surge com base num projeto energético nuclear, para já apenas para fins civis, com apoio de empresas da Rússia, França e Japão, mas que eventualmente poderá futuramente ramificar-se para o plano militar. Importa aqui notar que a atual aposta na energia nuclear da Turquia parece ser de pouca racionalidade energético-económica, mas adquire maior sentido estratégico se pensarmos poder ser a base de um futuro uso para fins também militares. Cabe aqui referir um estudo da RAND Corporation³⁸, onde o futuro dos conflitos armados é visto como podendo envolver o emprego de armas nucleares táticas, o que motiva vários Estados a tentar obter essa capacidade. Temos o exemplo desse risco na invasão da Ucrânia, em que a Rússia deixa latente a ameaça de emprego dessas armas, caso seja “obrigada” a tal pela entrada do Ocidente no conflito. Apesar das ameaças, a verdade é que a Rússia não tem esse arsenal em prontidão imediata (apenas estarão disponíveis os mísseis balísticos de longo alcance), mas esta é a primeira vez em que o seu emprego é realmente equacionado desde a crise de mísseis de Cuba de 1962.

Para desenvolver energia nuclear, pelo menos no plano energético, a Turquia poderá contar com parceiros como o Paquistão, que é uma potência nuclear militar, mas igualmente com o Irão e a própria Rússia. O exemplo do Irão, que tem avançado apesar de todo o esforço norte-americano de o controlar – e de Israel tentar fazer descarrilar o programa nuclear iraniano –, serve de evidência de que não é fácil impedir um Estado determinado a conseguir esse objetivo e a suportar sacrifícios elevados para o conseguir. Com mais de uma dezena e meia de instalações declaradas, o programa nuclear iraniano já tem várias décadas, um elevado *know-how* acumulado e dispõe de um sentimento nacional de aprovação. O processo de controlo apenas poderá servir para assegurar que se mantenha na esfera energética civil, sem evoluir para o campo militar, mas trará sempre ao Irão múltiplas vantagens e contrapartidas a negociar. Quanto ao programa nuclear turco, como país mais próximo do Ocidente e com maior liberdade de movimentos, poderá alcançar essa capacidade a médio prazo. Uma estratégia que aproveite os momentos de concentração de preocupações noutras geografias poderá ir evoluindo e receber apoios técnicos essenciais para o rápido levantamento de capaci-

37 ERDEMIR & KOWALSKI, – op.cit.

38 RAND CORPORATION, *The Future of Warfare in 2030*.

dade nuclear³⁹. A indústria de defesa turca já demonstrou ter competência técnica no campo da inovação e desenvolvimento, assegurando o fabrico de material e equipamento de última geração. Todavia, também ficou evidente que necessita de cooperação externa para alcançar tais objetivos e que o nuclear seria o expoente máximo disso. É necessário sublinhar que essa transformação, a ocorrer, irá revolucionar o *statu quo* assegurando à Turquia o estatuto de potência de uma outra dimensão e dando-lhe uma capacidade, inexistente até agora, de prescindir do Ocidente.

Considerações finais

Como se deixou claro, não é intenção traçar apenas variações do mesmo mundo, mas sim, como é alvo da prospetiva, apresentar diferentes mundos para análise e estudo. Destes mundos/cenários, poderão ser extraídos dados relevantes para preparação de estratégias e processos de decisão. É hoje consensual que estamos numa fase de reorganização do sistema político internacional, com evidentes realinhamentos e reocupação de espaços, em que fatores como a geopolítica, a segurança física, a segurança das cadeias de abastecimento, a segurança energética e políticas de descarbonização irão orientar as decisões futuras. Estes foram os dados essenciais para a definição dos cenários que traçámos anteriormente.

Não podemos deixar de salientar as preocupações ocidentais quanto à evolução futura da Turquia. Tendo sido um parceiro essencial desde os tempos da Guerra-Fria, tornou-se, ao longo dos últimos anos, num aliado incerto que procura assegurar uma autonomia estratégica que, por vezes, o coloca em rota de colisão com os interesses de europeus e norte-americanos.

Com uma lógica interna de manutenção do poder, Erdoğan orienta atualmente a sua política externa para um revisionismo neo-otomano, em que procura recuperar a relevância regional e até mais do que isso. Os instrumentos utilizados para alimentar essa estratégia passam pelo desenvolvimento do seu *soft power* junto do mundo islâmico e das comunidades turcófonas, bem como de um maior intervencionismo político e, por vezes, militar, nas regiões de interesse vital ou primário. A Turquia alavanca essa orientação através da capacidade da sua crescente indústria de defesa e de umas Forças Armadas numerosas e bem equipadas, que lhe permitem intervir nos conflitos regionais, fornecer armamento de última geração (*drones*, desde logo) e instalar bases militares em países amigos (por exemplo, Qatar e Somália), perseguindo o objetivo maior de controlar a região do Mediterrâneo Oriental, inserido no

39 SPACAPAN, John, Conventional wisdom says Turkey won't go nuclear. That might be wrong. *Bulletin of Atomic Scientists*.

projeto Mavi Vatan⁴⁰. Neste exercício, identificámos a importância atribuída à consecução dos objetivos de se constituir como “hub energético” e como “armazém do mundo”, e a forma como tal influencia decisões de política externa.

Mas a situação económica frágil que atravessa nesta altura retira-lhe, também, capacidade de atuação, desde logo no plano militar, por ser impossível suportar gastos maiores no setor da defesa. Por outro lado, a situação política, social e as violações de direitos humanos mostram um autoritarismo e instabilidade interna que lhe diminuem, também, a possibilidade de se concentrar numa política externa estratégica e de longo prazo, bem articulada e coerente. Esse vetor é igualmente afetado pela própria forma como aborda as suas relações externas. Com a ideia de autonomia estratégica, procura justificar a constante mudança de posição em assuntos internacionais.

A procura de novos parceiros conduziu a Turquia a uma aproximação à Rússia e à China. Com a primeira desenvolve projetos de infraestruturas e do âmbito da defesa, nomeadamente na aquisição dos sistemas de defesa aérea S400, no desenvolvimento de redes energéticas e no apoio técnico russo à construção da primeira central nuclear turca. Há óbvios receios, no entanto, quanto às ambições da Rússia, que poderão afetar interesses e territórios importantes para a Turquia. Essa aproximação tem levado a Turquia a procurar tornar-se relevante na mediação do conflito da Rússia com a Ucrânia. A evolução desse processo será, naturalmente, explorada para tentar obter ganhos. Quanto ao caminho com a China tem sido desenvolvido de forma muito mais discreta, à imagem da política externa chinesa. Erdoğan percebendo a importância desse parceiro para os seus interesses e estratégia, procurou tirar também partido da *Belt and Road Initiative*. A aproximação tem sido de tal forma prioritária que levou Erdoğan a esquecer as críticas ao tratamento dos uigures.

O afastamento da Turquia das práticas e regras europeias e ocidentais pode ser uma mudança profunda e não apenas uma alteração temporária. O atual governo turco acredita que será mais bem-sucedido através duma política autónoma, explorando a rivalidade entre os blocos. Para tal contribui o antagonismo para com o Ocidente de grande parte da elite dirigente nacionalista e islamista e, em particular, de Erdoğan⁴¹, que pretende, também, criar uma nova ordem internacional pós-ocidental.

40 Pátria Azul é um conceito e doutrina irredentista e expansionista, criado pelo Chefe do Estado-Maior do Comandante da Marinha Turca Cihat Yaycı, e desenvolvido com o Almirante Cem Gurdeniz em 2006. A doutrina representa o mar territorial turco, a plataforma continental e a zona económica exclusiva (ZEE) ao redor do Mar Negro, bem como suas reivindicações de plataforma continental e ZEE no Mar Mediterrâneo oriental e no Mar Egeu.

41 FLANAGAN, S., BINNENDIJK, A., NADER, A.S.J., FLANAGAN, F., LARRABEE, S., BINNENDIJK, A., COSTELLO, K., EFRON, S., HOOBLER, J., KIRCHNER, M., MARTINI J., NADER, A. & WILSON P. A., *Turkey's Nationalist Course: Implications for the U.S.-Turkish Strategic Partnership and the U.S. Army*, pp. 237

Contudo, há também na Turquia a convicção de que estes novos parceiros, sejam regionais ou globais, não são particularmente fiáveis. Por esse facto, e apesar de toda a ambiguidade estratégica, há o reconhecimento de que o sistema de segurança euro-atlântico não é facilmente substituível. Assim, será uma determinante particularmente difícil de ultrapassar e que expõe a Turquia aos interesses dos seus competidores e vizinhos com ambições expansionistas (desde logo a Rússia).

Levantados os cenários, uns mais disruptivos, outros mais próximos da situação presente, e conscientes da vontade de Erdoğan e do seu partido, o AKP, atualmente no poder, de aumentarem a autonomia estratégica e seguirem um caminho próprio, parece certo que essa opção seguirá também um instinto de sobrevivência (e de obter vantagens) ao nível económico, político e de segurança.

Há cerca de duas décadas que a Turquia se tornou um problema incómodo para o Ocidente. O atual contexto internacional voltou a dar grande importância geopolítica ao seu território, algo que se perspetiva continuar. Para além do que esta possa fazer, do lado ocidental a principal questão é saber se será possível prosseguir uma estratégia capaz de manter a Turquia ancorada ao sistema de segurança euro-atlântico. Tal determinará o futuro da segurança regional europeia (e do Médio Oriente) e terá certamente ainda implicações na ordem internacional.

Bibliografia

1936 Convention regarding the Regime of the Straits, 1936, Montreux, Switzerland, disponível em <https://cil.nus.edu.sg/wp-content/uploads/formidable/18/1936-Convention-Regarding-the-Regime-of-the-Straits.pdf>. Acedido em 13Mai22.

2012, *40 Years of Shell Scenarios*. Acessível em https://www.shell.com/promos/forty-years-of-shell-scenarios/_jcr_content.stream/1448557479375/a0e75f042fee5322b72780ee36e5ba17c35a4fc6/shell-scenarios-40yearsbook080213.pdf Acedido a 25Jun22.

2019, *Turkey v Syria's Kurds: the Short, Medium and Long Story*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-49963649>. Acedido em 22Jun22

ALLSOPP, H., 2015, *The kurds of Syria: political parties and identity in the Middle East*. 2 ed. I.B. Tauris, Londres e Nova Iorque.

ARANGO, T., 2015, “In liberated Kobani, Kurds take pride despite the devastation”. *The New York Times*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/02/02/world/middleeast/inliberated-kobani-pride-despite-the-devastation.html>. Acedido em 23Nov20.

Armenian Remember Day, Disponível em <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/04/24/statement-by-president-joe-biden-on-armenian-remembrance-day/>. Acedido em 2/08/2022.

ATATURK, Mustafá Kemal, Disponível em <https://www.mfa.gov.tr/turkish-foreign-policy-during-aturks-era.en.mfa>. Acedido em 5Mai22.

- AYDINTASBAS, A., BIANCO, C., DACEY, J. B., DWORKIN, A., GERANMAYEH, E., LOVATT, H. & MEGARISI, T., 2020, *How a Biden win could transform US policy in the Middle East and North Africa*. European Council of Foreign Relations, disponível em: <https://ecfr.eu/article/how-a-biden-win-could-transform-us-policy-in-the-middle-east/>. Acedido em 23Jun22.
- AYDINTAŞBAŞ, Asli, BARNES-DACEY, Julien, BIANCO, Cinzia, LOVATT, Hugh & MEGARISI, Tarek, 2020, "Deep Sea rivals: Europe, Turkey and New Eastern Mediterranean conflict lines", in *European Council on Foreign Relations*, disponível em https://www.ecfr.eu/specials/eastern_med. Acedido em 03Jun20.
- AZIZ, L., *The Syrian Kurds in the US foreign policy: long-term strategy or tactical ploy?*, Jan2020., Centre d'étude des crises et conflits internationaux, Université catholique de Louvain.
- BAKER, P.; COOPER, H.; SANGER, D. E., "Obama sends special operations forces to help fight ISIS in Syria", 2015, *The New York Times*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/10/31/world/obama-will-send-forces-to-syria-to-help-fight-the-islamic-state.html>. Acedido em 23Jun22.
- BARMA, Naazneen H., DURBIN, Brent, LORBER, Eric & WHITLARK, Rachel E., 2016, "Imagine a World in Which": Using Scenarios in Political Science" in *International Studies Perspectives*, 17, pp. 117-135.
- BBC, *Quem são os curdos e por que são atacados pela Turquia*. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50012988>. Acedido em 7Dez20.
- BIDEN, J. R., *Why America Must Lead Again*. , 2020. *Foreign Affairs*. Disponível em: <http://www.deutsch-chinesischesforum.de/images/thinktank/20201114/Why%20America%20Must%20Lead%20Again.pdf>. Acedido em 23Mai22.
- ÇAĞAPTAY, Soner, 2019, *Erdoğan's Empire: Turkey and the Politics of the Middle East*, I.B. Tauris, Londres.
- CENTER FOR SECURITY STUDIES (CSS), 2021, *Russian Analytical Digest (RAD)* University of Bremen. RAD, 70, Disponível em <https://css.ethz.ch/en/publications/rad.html>. Acedido em 20Mai22.
- COOK, S., 2019, "There's always a next time to betray the Kurds"., *Foreign Affairs*., Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2019/10/11/curds-betrayal-syria-erdogan-turkey-trump/>. Acedido em 23Mai22.
- DALY, John C. K., 10Mai2022., *Referee and Goalkeeper of the Turkish Straits: The Relevance and Strategic Implications of the Montreux Convention for Conflict in the Black Sea*, Disponível em <https://jamestown.org/program/referee-and-goalkeeper-of-the-turkish-straits-the-history-relevance-and-strategic-implications-of-the-montreux-convention-for-conflict-in-the-black-sea/>. Acedido em 28Mai22.
- DAVUTOĞLU, Ahmed, 2001, *Strategic Depth: Turkey's International Position*. Küre Yayınları. Istanbul.

- DE PETRIS, D. R., 21Set2020, Joe Biden on Syria: What would he do? *The National Interest*, Disponível em: <https://nationalinterest.org/blog/skeptics/joe-biden-syria-what-would-he-do-169316>. Acedido em 23Mai22.
- EISENSTAT, Howard, 25Fev2022, Neither East nor West: Turkey’s calculations in the Ukraine crisis. Middle East Institute, Disponível em <https://www.mei.edu/publications/ neither-east-nor-west-turkeys-calculations-ukraine-crisis>. Acedido em 24Mai22.
- EIU, 2022, Disponível em <https://www.eiu.com/n/global-themes/>. Acedido em 22Jul22.
- ERDEMIR, A. & KOWALSKI, P., 16Ago2020, Joe Biden will be America’s most pro-Kurdish president. Foundation for Defense of Democracies, Disponível em: <https://www.fdd.org/analysis/2020/08/16/biden-will-be-most-pro-kurdish-president/>. Acedido em 23Mai22.
- FALK, T., 9Jun2022, Will Joe Biden alter US policy in the Middle East? *Al Jazeera*. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/11/9/biden-expected-to-alter-the-regions-status-quo-analysis>. Acedido em 23Nov20.
- FERNANDES, José Pedro Teixeira & RODRIGUES, Domingos, Ago2020. “A Transformação da Turquia na Era Erdoğan: Implicações sobre a Segurança Euro-Atlântica”. in *Nação & Defesa*, n.º 156, pp. 99-118.
- FLANAGAN, S., BINNENDIJK, A., NADER, A.S.J., FLANAGAN, F., LARRABEE, S., BINNENDIJK, A., COSTELLO, K., EFRON, S., HOOBLER, J., KIRCHNER, M., MARTINI J., NADER, A. & WILSON P. A., Fev2020, Turkey’s Nationalist Course: Implications for the U.S.-Turkish Strategic Partnership and the U.S. Army. RAND Corporation, Santa Monica.
- FÓRUM ECONÓMICO MUNDIAL, 2022. Disponível em <https://www.weforum.org/agenda/2016/11/8-predictions-for-the-world-in-2030/>. Acedido em 22Jul22.
- GOUX-BAUDIMENT, Fabienne, 2016, “A foresight overarching method. I – Looking for a way to bridge the gap”, em *World Future Review*, Université de Angers.
- Joe Biden and the Arab American community: a plan for partnership, 2020b. Disponível em: <https://joebiden.com/joe-biden-and-the-arab-american-community-a-plan-for-partnership/>. Acedido em 23Mai22.
- KAHN, Herman & WIENER, Anthony J., 1967, “The Use of Scenarios” in Hudson Institute. Disponível em <https://www.hudson.org/research/2214-the-use-of-scenarios>. Acedido em 18Jun22.
- KAJJO, S., 2020, Syrian Kurds optimistic about continued US support under Biden presidency. *Voa News*, Disponível em: <https://www.voanews.com/extremism-watch/syrian-kurds-optimistic-about-continued-us-support-under-biden-presidency>. Acedido em 24Jun22.
- KINGSLEY, P., 2019, Who are the Kurds, and why is Turkey attacking them in Syria? *The New York Times*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/10/14/world/middleeast/the-kurdsfacts-history.html>. Acedido em 19Mai22.
-

- KNAPP, M., FLACH, A. & AYBOGA, E., 2016, *Revolution in Rojava: democratic autonomy and women's liberation in northern Syria*. Pluto Press, Londres.
- KOBANE, M., 2020, Syrian Kurdish commander sees chance to ease tensions with Turkey under Biden. Entrevista concedida a Amberin Zaman. *Al-Monitor*. Disponível em: <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2020/11/syria-mazlum-kobane-sdf-mediate-pkkus-election-biden-trump.html>. Acedido em 17Mai22.
- KOOL, Drith & BOLDER, Patrick, Turkey's Recalcitrance and NATO's Nuisance, HCSS, 18Fev2021. Disponível em, <https://hcss.nl/report/turkeys-recalcitrance-and-natos-nuisance/>. Acedido em 20Jul22.
- KURT, Selim, 2019, "Turkey's Position in Dugin's Eurasianism Understanding". *Journal of Security Strategies*, Volume 15, Issue 3, pp. 425 a -467.
- MACFIE, A.L., 2007, *Kemal Atatürk – O Fundador da Turquia Moderna*. Fronteira do Caos. Porto.
- MCDOWALL, D., 2020, *A Modern History of the Kurds*. 4 ed., I.B. Tauris, Londres e Nova Iorque.
- MUSTAFAH, R., 2020, Biden presidency brings hope for the Kurds. Disponível em: <https://www.politics.co.uk/comment-analysis/2020/11/23/bidenpresidency-brings-hope-for-the-kurds>. Acedido em 16Mai22.
- NATIONAL INTELLIGENCE COUICIL, 2022, Disponível em <https://www.dni.gov/index.php/who-we-are/organizations/mission-integration/nic/nic-related-menus/nic-related-content/global-trends-2030>. Acedido em 22Jul22.
- NEUMANN, Iver B. & ØVERLAND, Erik, 2004, "IR and Policy Planning: The Method of Perspectivist Scenario Building", in *International Studies Perspectives*, 5(3), pp. 258-277.
- PHILLIPS, C., 2020. "Why Syria will be low on Biden's list of foreign policy priorities". *Middle East Eye*, 12Nov20. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/opinion/syria-us-bidenforeign-policy-priorities-low>. Acedido em 23Nov20.
- PHILLIPS, David, 2017, *An Uncertain Ally*. Routledge. London.
- RAND CORPORATION, 2020, *The Future of Warfare in 2030*, Santa Monica.
- RIBEIRO, Félix, LEAL, Catarina & RODRIGUES, Teresa, 2011, *Uma Estratégia de Segurança Energética para o Séc. XXI em Portugal*. INCM/IDN. Lisboa.
- RODRIGUES, Domingos J. F., 2009, *Turquia: País Ponte Entre Dois Mundos*. Prefácio. Lisboa.
- SAUER, Pjotr, 07Ago22, "Russia's private military contractor Wagner comes out of the shadows in Ukraine war". *The Guardian*. In <https://www.theguardian.com/world/2022/aug/07/russias-private-military-contractor-wagner-comes-out-of-the-shadows-in-ukraine-war>. Acedido em 08Ago22
- SIMÓN, Luis & SPECK, Ulrich (eds.), "Europe in 2030: four alternative futures" in *Elcano Policy Paper*, December 2017, p. 6. Acessível em <http://www.realinstitutoelcano.org/>

wps/wcm/connect/e8f1fc52-42ac-4d5f-9ae0-f25021f62a14/Policy-paper-Simon-Speck-Europe-2030-four-alternative-futures.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=e8f1fc52-42ac-4d5f-9ae0-f25021f62a14. Acedido em 21Jun22.

SONNENFELD, Jeffrey A., 2022, Business Retreats and Sanctions Are Crippling the Russian Economy. Yale. <https://yale.app.box.com/s/7f6agg5ezscj234kahx35lil04udqgeo>. Acedido em 28Jul22

SPACAPAN, John, 7Jul2020, “Conventional wisdom says Turkey won’t go nuclear. That might be wrong”. *Bulletin of Atomic Scientists*.; <https://thebulletin.org/2020/07/conventional-wisdom-says-turkey-wont-go-nuclear-that-might-be-wrong/#post-heading>, Acedido em 23Jul2022

SUS, Monika & HADEED, Marcel, 2020, “Theory-infused and policy-relevant: On the usefulness of scenario analysis for international relations”, in *Contemporary Security Policy*, 41:3, 2020, pp. 432-455.

TASHJIAN, Yeghia, 2021, Frenemies: Russia and Turkey’s ‘cooperative rivalry’, *The Cradle*, disponível em <https://thecradle.co/Article/analysis/3983>. Acedido em 22Mai22.

THE ECONOMIST, 23Jul2022, Inflation Nation, London, pp.17-18.

TITR, 2022, Middle Corridor. In <https://middlecorridor.com/en/>. Acedido em 02Ago22.

TROIANOVSKI, A.; KINGSLEY, P., 2019, “Putin and Erdogan announce plan for northeast Syria, bolstering russian influence”. *The New York Times*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/10/22/world/europe/erdogan-putin-syria-cease-fire.html>. Acedido em 24Jun22.

WACK, P., 1985, “Scenarios: shooting the rapids”. *Harvard Business Review*.

WILKINSON, Angela, 2017, Strategic Foresight Primer, European Political Strategy Centre, Acessível em <https://espas.secure.europarl.europa.eu/orbis/document/strategic-foresight-primer>. Acedido a 25Jul22.